

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ENSINO DE FILOSOFIA

FARLEI ROBERTO MAZZARIOLI

O DEMÔNIO DE EINSTEIN NO
ENSINO DE FILOSOFIA

SÃO CARLOS

2015

FARLEI ROBERTO MAZZARIOLI

**O DEMÔNIO DE EINSTEIN NO
ENSINO DE FILOSOFIA**

Monografia submetida a apreciação da banca examinadora na Universidade Federal de São Carlos para cumprimento dos pré-requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Subárea: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Belote

SÃO CARLOS

2015

FARLEI ROBERTO MAZZARIOLI

**O DEMÔNIO DE EINSTEIN NO
ENSINO DE FILOSOFIA**

Monografia julgada e aprovada em 02 de julho de 2015 para obtenção do título de Especialista como parte dos requisitos necessários ao curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Eduardo Belote
Orientador e presidente da banca

Prof. Renan Pavini
Examinador

Prof^a. Carla Campos B. da Silva
Examinadora

Eu te esconjuro, Satanás, enganador do gênero humano. Reconhece o Espírito da verdade e da graça, que repele as tuas ciladas e confunde as tuas mentiras.

Ritual de Exorcismos e Outras Súplicas, p. 42.

RESUMO

O demônio de Einstein é a incerteza defendida na física quântica e este trabalho faz uma análise, sobre determinação e indeterminação, certeza e incerteza, objetividade e subjetividade no ensino de filosofia. Este conflito é visto entre Parmênides e Heráclito e permeia todo o mundo do pensamento de forma direta ou indireta, de forma que o ensino de filosofia deve ter conhecimento da questão com base científica. Não se guarda aqui a esperança de exorcizar a incerteza da filosofia ou de lhe tirar a dúvida que lhe é natural, e sim de gerar uma reflexão para o professor sobre o interessante assunto.

Palavras-chave: Einstein, determinismo, incerteza, ensino de filosofia.

ABSTRACT

Einstein's demon is the uncertainty in quantum physics and defended this paper analyzes on determination and indeterminacy, certainty and uncertainty, objectivity and subjectivity in the teaching of philosophy. This conflict is seen between Parmenides and Heraclitus and permeates the whole world of thought directly or indirectly, so that the teaching of philosophy should be aware of the issue on a scientific basis. Not guard here hope to exorcise the uncertainty of philosophy or take away the doubt that it is natural, but to generate a reflection on the teacher about the subject interesting.

Keywords: Einstein, determinism, uncertainty, teaching philosophy.

SUMÁRIO

Introdução	08
1. Demonologia da incerteza	10
1.1. Alguns demônios...	10
1.2. O demônio de Maxwell	11
1.3. O princípio da incerteza	12
1.4. Einstein e seu demônio	13
2. Crença no conhecimento	14
2.1. Origem das crenças	15
2.2. Crença na universalidade	15
2.3. Crença científica	17
2.4. Mito da relatividade	19
3. Ditadura do relativismo	21
3.1. Conexão com a política	21
3.2. Marxismo cultural	23
3.3. Ditadura brasileira	26
4. Filosofando o ensino	27
4.1. Einstein e a educação	27
4.2. Doutrinação nas escolas	28
4.3. Einstein abraça o demônio	30
5. O mito da caverna	32
5.1. Mitos conservadores	33
5.2. Relativismo e fundamentalismo	34
5.3. Professor transparente	36
Conclusão	39
Referências	40

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é refletir o confronto entre a certeza e a incerteza no ensino de Filosofia com base na ciência ligando ciência e sociedade. O confronto filosófico entre o determinismo e o indeterminismo no nascimento da física quântica, com influências na ética, política e religião no ensino de filosofia é o campo desta pesquisa bibliográfica.

Por que esse título? No livro, *A dança do universo*, Marcelo Gleiser (1997) usa como subtítulo “O demônio de Einstein” (p. 305) ao falar da incerteza na mecânica quântica, ideia que vem de Abraham Pais: “A partir de 1935, Einstein isolou-se mais ainda em sua oposição à teoria quântica. Conforme escreveu Pais, o quantum era seu demônio” (p. 308).

Marcelo Gleiser (1997, p. 305-306) explica melhor:

A interpretação de Bohr funcionou como mágica; encantou os “jovens” e desesperou os mais “idosos”. Ela demoliu por completo a noção clássica de uma descrição determinista da Natureza. A supermenete de Laplace estava morta. No mundo do muito pequeno, o observador tem um papel fundamental na determinação da natureza física do que está sendo observado. Mais ainda, os resultados de experimentos só podem ser dados em termos de probabilidades. A certeza é substituída pela incerteza, o determinismo, pelas probabilidades, os processos contínuos, pelos saltos quânticos.

Percebe-se que Einstein era um conservador, mas como se define um conservador? A reflexão sobre certo e errado de forma individual (ética) ou social (moral) deve evoluir para princípios permanentes (Parmênides) ao invés da única constante ser a mudança (Héclito). Existe uma única verdade que se conserva (objetiva) e não infinitas verdades passageiras (subjativa). Quem pensa assim, então é um conservador.

Neste trabalho é traçada uma linha imaginária, um esboço, no pensamento humano a ser trabalhado pelo professor de filosofia. Encontra-se uma respectiva relação, entre conceitos filosóficos de certeza/incerteza, determinismo/indeterminismo, objetividade/subjetividade, racionalismo/empirismo, imutável/mutável. São distintos, mas próximos.

No primeiro capítulo é organizada a questão do princípio da incerteza na sua evolução histórica e seu percurso por vários demônios. No segundo é desenvolvida a questão da crença no conhecimento científico, suas bases e a visão atual. No terceiro é analisada a implicação política e social, para então, no quarto olhar o ensino de filosofia imenso nesse contexto, dando atenção especial à visão de Einstein sobre a educação. No quinto, o mito da caverna é referencial para a questão da incerteza e a ação do professor no ensino de filosofia.

O demônio de Einstein se alojou no ensino de filosofia? A palavra filosofia, em grego, significa “amigo da sabedoria” e nasceu em contraste à palavra “sábio”. Isto porque o conhecimento completo (sabedoria) é verdade objetiva, realidade divina, uma revelação, enquanto o amigo da sabedoria se via como humilde mortal que buscava essa verdade eterna através da razão. O aluno precisa perceber este conflito nas entrelinhas de um texto filosófico e ter força intelectual para exercer a sua liberdade.

A filosofia nascida na Grécia é fundada na dúvida (no sentido de questionar) e tem a razão de existir suicida porque busca a verdade e se a encontrar o filósofo deixa de ser amigo da sabedoria para se tornar sábio. Tal sabedoria seria encontrar uma única e universal verdade ou que cada um constrói a sua verdade? O professor deve ser capaz de articular o confronto de crenças sem gerar o doutrinamento, que degenera filosofia em seita.

A palavra “seita”, do latim *secta*, vem de sectar, selecionar, dividir, sendo um partido. Participar de partido, doutrina ou escola filosófica é professar uma crença, ficando na fronteira entre filosofia e religião. Tal como existe liberdade religiosa, não é direito do professor usar sua função de ensinar para gerar seguidores. A resposta está na palavra “pedagogo” que significa condutor de crianças, em grego. Deve conduzir gerando autonomia na escolha do caminho e não gerar seguidores para este ou aquele caminho. Algo próximo, mas distinto.

É possível exorcizar a Filosofia? Libertando-a do demônio da incerteza? Ou, segundo outros, libertando da ilusão de uma certeza? Dizer sim ou não está além da capacidade deste trabalho. Entretanto é desejo deste gerar uma explosão de ideias com as conexões e reflexões, avançando o entendimento do professor de como a ciência e a filosofia estão interligadas, sem medo de invocar paradigmas atualmente demonizados.

1. DEMONOLOGIA DA INCERTEZA

Quantos demônios assombram a filosofia? No confronto entre a certeza e a incerteza alguns demônios foram invocados, pelo menos metaforicamente... Para formar uma ideia clara do assunto é melhor analisar os demônios de Sócrates, Descartes, Laplace e Maxwell, que vieram antes do demônio de Einstein.

1.1. Alguns demônios...

A palavra demônio vem do grego *daemon* e significa divindade ou espírito, ou seja, um ente inteligente. Na mitologia árabe são os gênios. Sócrates dizia ter um demônio, como uma voz interior que lhe orientava onde não tinha certeza, provavelmente uma alegoria do seu senso moral. Neste contexto pré-cristão o significado de *daemon* não é um ser do bem e nem do mal, mas no caso de Sócrates seria mais semelhante a um “anjo da guarda”.

Em *Meditações*, Descartes imagina a existência de um “gênio maligno”, um espírito do mal que o quisesse enganar todo o tempo. Este demônio poderia lhe confundir e lhe impor a incerteza? A confiança na razão e na interseção de Deus era suficiente para ele, pois a subjetividade do homem tinha acesso à objetividade através da persistente sinceridade em seu método. Strecker (2015) cita Descartes:

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

Com os avanços do método científico e o trabalho de Galileu, Kepler, Descartes e Newton, no século XVIII, Pierre Simon, o marquês de Laplace, já podia explicar muitos movimentos do sistema solar e o universo foi visto como um grande relógio, algo complexo, mas compreensível. Laplace imagina isto como uma supermente, mas não um Deus pessoal e alguns preferem chamar de “demônio de Laplace”. Por quê?

Tal crença é expressa por Marcelo Gleiser (1997, p. 198):

A enorme confiança no sucesso desse determinismo é ilustrada pela crença de Laplace e outros na existência de uma “supermente” capaz de prever o futuro de todas as entidades do Universo. [... Tudo] seria conhecido por essa inteligência gigante. O destino seria perfeitamente previsível, mera consequência das rígidas leis da mecânica. Nesse mundo-máquina, não existia espaço para livre-arbítrio. E, como Laplace orgulhosamente anunciou para Napoleão, também não existia espaço para Deus.

O anúncio citado acima, sobre Napoleão, se encontra na página anterior (p. 197) em um diálogo. Napoleão diz: “Monsieur Laplace, por que o Criador não foi mencionado em seu livro *Mecânica celeste*?”, e Laplace lhe responde: “Sua Excelência, eu não preciso dessa hipótese”. A necessidade de um Deus vem do deísmo de Aristóteles e seus argumentos, que depois foram desenvolvidos por Tomás de Aquino, que Laplace considera superado.

1.2. O Demônio de Maxwell

No século XIX a teoria corpuscular da matéria, de cunho determinista, recuperou vigor com o trabalho de James Clerk Maxwell, mostrando que as moléculas podiam ser descritas como esferas rígidas. Entretanto, depois Ludwig Boltzmann usou métodos estatísticos para descrever o movimento das moléculas, sendo desnecessário conhecer o movimento individual delas. A visão filosófica da supermente de Laplace enfraqueceu com a descrição estatística da natureza, o que gerou decaimento na crença no determinismo.

Para defender o determinismo e mostrar que a 2ª lei da termodinâmica fazia sentido apenas quando vista de forma estatística, Maxwell cria um experimento mental em 1871. Tal lei diz que dois corpos em contato trocam calor até atingir o equilíbrio térmico, então ele imaginou dois recipientes com gases de igual temperatura, um orifício de ligação e um ente inteligente e microscópio (depois foi chamado de “demônio”) capaz de controlar a passagem das moléculas por esse orifício e deixar um lado mais quente e outro mais frio.

Isto resolveu? Não, a física experimental encontra leis deterministas em macro escala e o indeterminismo em ordem estatística em microescala. Então, como será esse caminho da microescala, ou seja, do muito pequeno?

Em 1900 Marx Planck, para explicar um experimento, desenvolveu uma teoria em que a luz emitida por um corpo aquecido não era contínua e sim discreta, ou seja, era emitida em pequenas quantidades de energia. Dessas quantidades nasceu o nome de Física Quântica e trará sérias consequências para o determinismo.

Artur Compton, em 1923, em experimentos com raios-X mostrou que estes interagem com elétrons como se fossem partículas e não como ondas. Uma partícula é algo

pequeno e bem definido no espaço, enquanto onda se dispersa no espaço, algo oposto e que vai gerar o conceito da “dualidade onda-partícula” definido por de Broglie. Assim a luz não é partícula ou onda, e sim ambas as coisas, conforme se decide investigar as suas propriedades; eis o princípio da complementaridade (GLEISER, 1997, p. 298).

1.3. O princípio da incerteza

O que acontece depois? Louis De Broglie, em 1924, explica o elétron como sendo uma onda estacionária ao redor do núcleo. Werner Heisenberg, em 1925, desenvolve uma mecânica matricial livre das imagens e limitações de linguagens do mundo clássico. Erwin Schrödinger, em 1926, desenvolve a “equação de onda” e consegue descrever o movimento das partículas de forma determinista e assim restaurando um pouco de ordem. Isto gerou um retorno do determinismo? Repeliram o demônio da incerteza?

Heisenberg surpreende todos com o “princípio da incerteza” que mostra ser impossível conhecer com precisão absoluta a posição e a velocidade de uma partícula. Da mesma forma, o próprio ato de observar interage com o que está sendo observado, e isto é o famoso “efeito do observador”. Como exemplo deste efeito, ao iluminar um objeto muito pequeno a pouca energia da luz também lhe dá movimento interagindo com o que é observado.

Gleiser (1997, p. 305) explica o indeterminismo do elétron:

A mecânica quântica ondulatória de Schrödinger não descreve a evolução do elétron *per se*, mas a *probabilidade* de o elétron ser encontrado numa certa posição. Ao resolver a equação de Schrödinger, os físicos podem calcular como essa probabilidade evolui no tempo. Não podemos prever exatamente se o elétron estará aqui ou ali, mas apenas calcular a probabilidade de ele ser encontrado aqui ou ali. Em mecânica quântica, a probabilidade envolve de modo predeterminado, mas não o próprio elétron! O mesmo experimento, repetido várias vezes sob as mesmas condições, dará resultados diferentes. O que podemos prever com a mecânica quântica é a probabilidade de obter um determinado resultado.

A diferença de filosofia a respeito do determinismo ou do indeterminismo pode gerar debates acalorados nas teorias físicas, nisto nota-se que Einstein, Planck e Schrödinger eram conservadores. Em defesa do indeterminismo está Niels Bohr, que em 1926 recebe uma carta de Einstein e, conforme cita Gleiser (1997, p. 307), Einstein diz:

A mecânica quântica demanda séria atenção. No entanto, uma voz interna me diz que esse não é o verdadeiro Jacó [Gn 32, 23-33]. A teoria é sem dúvida muito bem-sucedida, mas ela não nos aproxima dos segredos do Velho Sábio. De qualquer forma, estou convencido de que Ele não joga dados.

1.4. Einstein e seu demônio

Einstein acredita que na construção de um modelo da realidade que descreva as coisas como elas realmente são e não apenas as probabilidades delas serem, entendendo a questão das probabilidades (indeterminismo) como uma descrição incompleta das leis da Natureza. Desta forma Einstein defende uma “realidade objetiva, independente do observador [...] acreditava que, ao aceitarem o princípio da complementaridade, os físicos estavam aceitando a sua derrota intelectual” (GLEISER, 1997, p. 308).

A crença no determinismo é a crença de que a realidade seja inteligível e que possa ser expressa através da razão. Esta é a crença de Einstein e é incompatível com dados aleatórios, ou seja, estatísticos e, portanto, indeterminismo. Gleiser explica (1997, p. 309):

Por trás do debate entre Einstein e Bohr encontramos as suas diferentes *crenças* em qual é o propósito fundamental da física e quais são os objetivos básicos do cientista interessado em construir teorias físicas da Natureza. O debate pode ser interpretado como uma “guerra religiosa” entre as duas grandes mentes, alimentada por visões de mundo profundamente distintas (e não complementares!).

Quais implicações estes demônios vão causar? Tal confronto entre certeza e incerteza se propaga na filosofia da ciência e em toda a sociedade, pois representam os velhos conflitos entre o pensamento de Parmênides, de uma estabilidade eterna, e o pensamento de Heráclito, de uma instabilidade eterna.

O trabalho de Einstein na relatividade parte dos postulados de que as leis da Física são as mesmas para todo referencial e que a velocidade da luz é constante independente do referencial adotado. Isto não saiu de graça, para tal tempo e espaço se ligaram e se deformam entre si para conservar a velocidade da luz.

A velocidade da luz é imutável conforme diz Parmênides ou seria então a mudança contínua de Heráclito? Talvez, simplesmente, Parmênides e Heráclito sejam as duas faces da mesma moeda, mas é evidente que a Teoria da Relatividade pertence à Física Clássica que é conservadora junto com Parmênides e a Física Quântica é revolucionária junto com Heráclito. E elas ainda não foram unificadas! Mas quando for mexerão nessa velha questão...

2. CRENÇA NO CONHECIMENTO

Busca ou construção no conhecimento? Isto reflete a ideia de encontrar a realidade ou apenas construir modelos explicativos desta sem a esperança de uma solução definitiva. Nisto está o conflito entre objetivo e subjetivo, determinado e indeterminado, que precisa ser visto sabendo que a frase “tudo é relativo”, falsamente atribuída a Albert Einstein, exalta a subjetividade enquanto Einstein era conservador e via a ciência como realidade objetiva.

2.1. Origens das crenças

Segundo Castañon (2015), o cientista realista/objetivo acredita que um objeto existe independentemente da mente do observador (realismo ontológico), na estabilidade de pelo menos de alguns aspectos do objeto estudado (regularidade do objeto), que através do método adequado pode-se vir a conhecer algo sobre o objeto (otimismo epistemológico), na formulação de argumentos válidos através das leis básicas da lógica clássica (pressupostos lógicos) e que o mundo é representável através da linguagem (representacionismo).

Tais crenças são perceptíveis na ciência e geram implicações no ensino. Desta forma, o conhecimento é descoberto ou construído? O construtivismo de Jean Piaget estaria baseado em que? Um retorno à Grécia antiga é necessário para ter uma visão mais clara de um conflito que tem origens entre Heráclito, no conceito de eterno movimento, e Parmênides, no conceito de que o ser é unido, imutável e completo, de forma que toda mudança é aparência.

Heráclito é mais velho, viveu antes de Parmênides. Depois Platão uniu ambos os pensamentos na relação entre mundo real e mundo das ideias, dando harmonia entre o mutável e o imutável. Pereira (2015) cita o conflito de visões diferentes:

Um fragmento dos escritos de Heráclito diz: "Tudo flui e nada permanece; tudo se afasta e nada fica parado... Você não consegue se banhar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas e ainda outras sempre vão fluindo... É na mudança que as coisas acham repouso..." [...]

Conta-se que Parmênides certa vez disse a respeito de Heráclito: "Fora com os homens que nada sabem e parecem ter duas cabeças! Junto deles está tudo, também seu pensamento, em fluxo. Eles admiram as coisas perenemente mas precisam ser tão surdos quanto cegos para misturarem assim os contrários!"

Heráclito ressalta o caráter efêmero da realidade enxergando-a como uma dança entre o ser e o não-ser como “o que une e o que se opõe”. Ao contrário, Parmênides busca

ordenar a realidade dando julgamento de ser (positivo) e não-ser (negativo), como luz e trevas, ele não vê uma dança de opostos porque “o ser é, o não-ser não é”.

Nisto pode-se ver a contribuição de Heráclito para a dialética e de Parmênides para o racionalismo. O empirismo tira seus conceitos puramente da experiência ao invés de criar um mundo de ideias imutáveis para explicar a natureza, sendo distinto, mas tendo maior proximidade de Heráclito porque não busca esta razão eterna, onde a sua eternidade é a resposta da natureza, expressa ou não pela razão.

Parmênides está no cerne da crença de que a realidade pode ser inteligível, ou seja, de que existe uma explicação estável e final. Heráclito encontra o eterno imutável, sendo o cerne do relativismo científico de Thomas Kuhn, onde nenhuma teoria seria a expressão da verdade e sim uma evolução histórica. Parmênides poderia aceitar isso como busca da verdade (foco no destino), mas Heráclito não teria esperança de se chegar a uma verdade final, já que esta lhe seria a eterna busca por mais e mais conhecimento (foco no caminho).

Os conceitos de Parmênides e de Aristóteles foram importantes contribuições para o cristianismo e nesse caminho se formou a civilização ocidental. Este determinismo material não é necessariamente um impedimento ao livre-arbítrio quando a mente não é vista como um subproduto de reações físico-químicas do cérebro e sim como interação com uma realidade sobrenatural. Entretanto, tal exame vai além da área da filosofia e da ciência.

2.2. Crença na universalidade

René Descartes acreditava que a subjetividade pode caminhar para a objetividade, tendo uma visão determinista do universo. Em *Discurso do Método* ele pensou na possibilidade da certeza e gerou o *cogito* (penso, logo existo), que está transcrito a seguir:

Considerando que os mesmos pensamentos que temos quanto acordados podem ocorrer-nos quando dormimos, sem que haja então um só verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que outrora me entraram no espírito não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo depois, observei que, enquanto pretendia assim considerar tudo como falso, era forçoso que eu, que pensava, fosse alguma coisa. Percebi, então que a verdade: *penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que nem mesmo as mais extravagantes suposições dos céticos poderiam abalá-la. E, assim julgando, concluí que poderia aceitá-la sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que buscava (2003, p. 41-42).

Ele procurava a universalidade, ou seja, a verdade universal que tinha também sua fé católica como fonte de inspiração. Aliás, a palavra “universidade” referente às instituições de ensino superior remonta à universalidade do conhecimento, ou seja, à objetividade

deste e não à sua subjetividade. Da mesma forma, o termo “católico” em grego significa “universal”, e em sequência, equivale universidade à catolicidade e universitário à católico, lembrando que esta nasceu na Igreja Católica, segundo alguns autores.

A crença no conhecimento objetivo, característica da civilização ocidental, também é expresso pelo Catecismo da Igreja Católica (2000), ao dar ênfase na razão humana ser capaz de conhecer a verdade e a “lei moral natural” no uso da reta razão com o esforço de fazer o certo e evitar o errado. “A lei natural é *universal*” (n. 1956). Eis alguns parágrafos:

As faculdades do homem o tornam capaz de conhecer a existência de um Deus pessoal. Mas, para que o homem possa entrar em sua intimidade, Deus quis revelar-se ao homem e dar-lhe a graça de poder acolher esta revelação na fé. Contudo, as provas da existência de Deus podem dispor à fé e ajudar a ver que a fé não se opõe à razão humana (n. 35).

A lei moral é obra da sabedoria divina. Pode-se definir a lei moral, no sentido bíblico, como uma instrução paterna, uma pedagogia divina. Ela prescreve ao homem os caminhos, as regras de comportamento que levam à felicidade prometida; prescreve os caminhos do mal que desviam de Deus e de seu amor. É ao mesmo tempo firme em seus preceitos e amorosa em suas promessas (n. 1950).

A lei natural é *imutável* e permanece através das variações da *história*; ela subsiste sob o fluxo das ideias e dos costumes e constitui a base para o seu progresso. As regras que a exprimem permanecem substancialmente válidas. Mesmo que alguém negue até os seus princípios, não é possível destruí-la nem arrancá-la do coração do homem (n. 1958).

Tal crença na racionalidade pode ou não estar associada à crença na existência de Deus. Neste caso é preciso dizer que Einstein falava muito de Deus, mas no sentido poético ao se referir às leis da Natureza e se considerando um ateu profundamente religioso. Isto pode ser visto nas palavras de Einstein citadas por Gleiser (1997, p. 309-310):

A mais profunda emoção que podemos imaginar é inspirada pelo senso de mistério. Essa é a emoção fundamental que inspira a verdadeira arte e a verdadeira ciência. Quem despreza esse fato, e não é mais capaz de se questionar ou de se maravilhar, está mais morto do que vivo, sua visão, comprometida. Foi o senso de mistério – mesmo se misturando com o medo – que gerou a religião.

A existência de algo que não podemos penetrar, a percepção da mais profunda razão e da beleza mais radiante do mundo à nossa volta, que apenas em suas formas mais primitivas são acessíveis às nossas mentes – é esse conhecimento e emoção que constituem a verdadeira religiosidade; nesse sentido, e nesse sentido apenas, eu sou um homem profundamente religioso.

O conhecimento precisa de uma confiança, uma fé. Muitas pessoas possuem fé na ciência mesmo esta não tendo uma dogmática tão rígida como a fé católica, mas sem sombra de dúvida trata-se de fé. Aliás, a ausência de uma fé, por mais embasada e criteriosa que seja, deixa de ser um pensamento filosófico e torna-se indiferentismo. A questão filosófica e científica é de como organizar a sua fé para que esta seja o mais universal possível?

O pensamento católico e o de Einstein entram em concordância na objetividade da natureza e não muito mais do que isso. Mas seria uma fé na objetividade da verdade? Nem todos pensam assim, entendendo que a questão filosófica e científica seja de como organizar e lidar com a aridez da dúvida sem se render ao reconforto de uma fé.

De fato, não é o dever do professor a geração de seguidores de sua posição nessa questão, e sim conduzi-los na discussão ao longo da história para que eles mesmos julguem por conceitos e não pré-conceitos.

2.3. Crença científica

Uma teoria científica precisa de uma prova empírica e uma prova lógica para dar credibilidade. Mas isto seria suficiente para se chegar à verdade eterna? Uma teoria científica não é uma revelação divina, mas o fruto da imaginação humana na interpretação da realidade com toda a riqueza de conhecimento que a humanidade já adquiriu.

A crença na ciência é filosófica e o mais perto possível do universal?

As teorias científicas dão forma, ordem e organização aos dados verificados em que se baseiam e, por isso, são sistemas de ideias, construções do espírito que se aplicam aos dados para lhes serem adequadas. Mas, incessantemente, meios de observação ou de experimentação novos, ou uma nova atenção, fazem surgir dados desconhecidos, invisíveis.

As teorias, então, deixam de ser adequadas e, se não for possível ampliá-las, é necessário inventar outras, novas. De fato, “a ciência é mais mutável do que a teologia”, como observa Whitehead. Com efeito, a teologia tem grande estabilidade porque se baseia num mundo sobrenatural, inverificável, enquanto o que se baseia em um mundo natural é sempre refutável. (MORIN, 2003, p. 22).

Morin (2003, p. 22-23) explica que, para Popper, as teorias científicas são mortais ao serem provadas falhas (falseáveis) e então substituídas por outras melhores, enquanto para Kuhn trata-se de uma teoria revolucionária derrubar o paradigma (valores, princípios) em vigor para levantar o seu próprio império. Diferente é a doutrina, que possui certeza durável. Como ele disse, “o dogma é inatacável pela experiência. A teoria científica é biodegradável”.

Nesse ponto Morin encontra a diferença entre teoria científica e doutrina científica e se coloca contra o determinismo (2003, p. 23):

O conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas. O progresso das certezas científicas, entretanto, não caminha na direção de uma grande certeza. É certo que se julgou durante muito tempo que o universo fosse uma máquina determinista impecável e totalmente conhecível; alguns ainda creem que uma equação-chave revelaria seu segredo.

Quanto à objetividade da ciência, o que se pode dizer? Uma teoria é uma construção humana, portanto é subjetiva, representação e não reflexo da realidade, mesmo amparada na maior objetividade possível (MORIN, 2003, p. 40).

Einstein construiu toda a teoria da relatividade sobre o postulado de que a luz é uma onda e tem velocidade constante no vácuo. “Popper disse e viu muito bem que na elaboração das teorias científicas entram em jogo pressupostos, postulados metafísicos” (MORIN, 2003, p. 44). Ou seja, é preciso partir de uma “fé” em alguns momentos.

Tal como Einstein tinha esperança na objetividade, Stephen Hawking (2008) acredita e busca a verdade objetiva/universal através da “teoria de tudo”. Sua fé na razão e na ciência é inabalável. Como pode ser visto nas páginas 159-160, a seguir:

Até agora, a maioria dos cientistas tem estado ocupada demais com o desenvolvimento de novas teorias que descrevem o que o universo é para perguntar por quê. Por outro lado, as pessoas cuja ocupação é perguntar por que – os filósofos – não têm conseguido acompanhar o avanço das teorias científicas. No século XVIII, os filósofos consideravam seu campo todo o conhecimento humano, inclusive a ciência, e discutiam questões como se o universo teria tido um início. Entretanto, nos séculos XIX e XX, a ciência tornou-se demasiado técnica e matemática para os filósofos ou para qualquer outra pessoa, exceto um punhado de especialistas. Os filósofos repudiaram tanto o alcance de suas indagações que Wittgenstein, o mais famoso filósofo do século XX, disse: “A única tarefa que resta para a filosofia é a análise da linguagem.” Que degradação da grande tradição filosófica de Aristóteles a Kant!

Hawking entende que essa teoria completa, a “teoria do tudo”, permitirá que cientistas, filósofos e pessoas comuns possam, no triunfo da razão, participar da discussão do por que nós e o universo existimos. Segundo ele, “conheceríamos a mente de Deus” (p. 160), mas no mesmo sentido poético que Einstein se refere a Deus. Hawking se considerava agnóstico neste momento e depois trilhou para o ateísmo.

A crença na certeza científica é crença no melhor possível até então, mudando sempre para a melhor explicação que surgir. Entretanto, alguns se consolam entre modelo após modelo em uma evolução sem uma meta final, e outros aspiram por esta meta, uma verdade para ser encontrada por mais distante que esteja.

Será possível que o determinismo se levante e uma teoria toque a eternidade, exorcizando a incerteza? Por enquanto, nada. E mesmo que aconteça isto, ou o contrário, uma prova científica precisa ser amadurecida, então nada mudará imediatamente. O trabalho científico é lento e precisa ser assim, tal como é preciso entender que a ciência moderna é um bebê de quatro séculos, muito capaz, mas ainda não possui milênios de idade.

2.4. Mito da relatividade

Alguns mitos sobre Einstein são comuns, por exemplo, a “teoria da relatividade” é um nome cunhado por Marx Planck, enquanto Einstein preferia o nome “teoria da invariância”. Isto é explicado por Bachega (2015), que também relata:

É comum ver em conversas cotidianas as pessoas falarem que “tudo é relativo” e citarem Einstein. Mas o pior é ver em publicações acadêmicas e livros textos, principalmente das áreas de filosofia e ciências humanas referências à teoria de Einstein como dando suporte ao relativismo moral, cultural e epistemológico; ou a ideia de que não existe realidade objetiva. Onde eu pude ler coisas assim foi na 12ª edição do livro “*Convite à Filosofia*” da professora Marilena Chauí (não sei se nas edições seguintes esse erro foi corrigido) em que se diziam coisas do tipo “com a teoria da relatividade de Einstein ficou mostrado que as leis da física não são objetivas e dependem de observador”.

Isto deixa evidente que o conflito entre Física Clássica, na qual inclui a Relatividade, e a Física Quântica (que depende do observador) é um conflito entre crenças no determinismo ou no indeterminismo. Tais visões de mundo implicam no “relativismo moral” ou não. Já que o assunto é relatividade e filosofia, como Einstein organiza essas ideias? Saldanha (2015) cita o debate de 06/04/1922 entre o filósofo Henri Bergson e o físico Albert Einstein:

Não demorou muito para Bergson intervir na palestra de Einstein e levantar uma pequena reflexão. Ele disse: "Resta determinar o significado filosófico dos conceitos que ela [a teoria da relatividade] introduz. Resta descobrir até que ponto ela renuncia à intuição e até que ponto ela permanece atada à intuição: resta fazer a parte do real e do convencional nos resultados aos quais ela chegou, ou, principalmente, nos intermediários que ela estabeleceu entre a posição e a solução do problema. Ao fazer este trabalho no concernente do tempo, perceberemos, creio, que a teoria da relatividade nada tem de incompatível com o senso comum".

Einstein, inteligentemente, responde de uma maneira quase que política, mas muito sagaz: "A questão se coloca então assim: o tempo do filósofo é o mesmo tempo do físico? [...] Ora, o tempo físico pode ser derivado do tempo da consciência. Primitivamente, se os indivíduos têm a noção da simultaneidade de percepções; eles podem se entender entre eles e concordarem sobre qualquer coisa que percebem; esta seria uma primeira etapa em direção ao tempo objetivo. Mas existem eventos objetivos independentes dos indivíduos e da simultaneidade das percepções. Passamos as dos eventos propriamente ditos. E, de fato, aquela simultaneidade não conduziu à nenhuma contradição durante longo tempo devido à grande velocidade da luz.[...]

Não há, portanto, um tempo dos filósofos; apenas existe um tempo psicológico diferente do tempo dos físicos”.

Einstein tinha poder conciliatório! Mas nem sempre é possível, de modo que o professor deve mostrar o conflito de crenças aos alunos, tendo consciência e deixando claro que sua posição entre tais crenças está nas entrelinhas de sua fala. A questão não é os iludir com a falsa propaganda de neutralidade, mas ensinar os alunos a perceber isto em qualquer fala. E não é óbvio a visão conservadora do autor deste trabalho nas entrelinhas?

O aluno deve ser livre para decidir por suas próprias “crenças de conhecimento”, tendo uma noção da história delas e que, toda fala, por mais respeitosa que seja com sua liberdade, terá vontade de puxar de um lado ou para outro. Só é livre quem tem força para fazer valer a sua liberdade, inclusive força intelectual para isto.

É importante desenvolver esta consciência porque a pior ditadura é uma “conversa mole” que lentamente doutrina em nome de uma liberdade ilusória, tão atraente quanto o queijo da ratoeira. A razão deve ser questionada, o racionalismo não é absoluto. Por mais que este diga buscar a verdade, a percepção da verdade é uma construção humana, a diferença é a crença de que exista uma razão universal que poderá ser alcançada ou não.

O perigo de questionar a razão, e ver a natureza como algo opressor, é destruir suas bases apenas para se acreditar no que quiser, idolatrando a vontade e desprezando a verdade. Nisto deve velar a honestidade intelectual ao se manter firme à filosofia, quando o trabalho é por meio de argumentos rigorosos e sistemáticos.

O professor deve ficar atento à crítica: “Você precisa ler mais!”, e se questionar a quem o crítico pretende que se leia mais. Só o lado dele? Ou a maior diversidade possível de posições e a rejeição ao monopólio da palavra? A relatividade moral, por sua natureza, deve ser a mais aberta ao diálogo, entretanto se esta gera tabu sobre seus paradigmas, então há uma degeneração de seus próprios paradigmas ou a incoerência indissolúvel destes?

O mito da relatividade não se limita ao erro da frase “tudo é relativo”, mas penetra na relatividade moral que pode estar presente no ensino de filosofia como um gerador de mitos. Não fica difícil entender que a prova de fogo para o profissionalismo de um professor é conseguir aplicar o que realmente é a filosofia. E quais implicações isto causará?

3. DITADURA DO RELATIVISMO

A humanidade questiona a si mesma, como no mito da caverna, de Platão, e isto pode gerar uma “engenharia social”, a favor ou contra a liberdade, promovendo a vida ou a morte. Uma ditadura da verdade objetiva, racionalista e universal faz sentido e ocorre pela própria natureza, entretanto, parece um contrasenso os conceitos subjetivos e indeterministas gerarem uma ditadura. Seria uma ditadura do relativismo a maior ironia da história?

Se então havia a "ditadura do racionalismo" [na França pós-revolucionária], na época atual registra-se em muitos ambientes uma espécie de "ditadura do relativismo". Ambas parecem ser respostas inadequadas à maior exigência do homem, de usar plenamente a sua razão como elemento distintivo e constitutivo da própria identidade. O racionalismo foi inadequado porque não teve em consideração os limites humanos e pretendeu elevar só a razão como medida de todas as coisas, transformando-a numa deusa; o relativismo contemporâneo mortifica a razão, porque de fato chega a afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo. Porém, tanto hoje como ontem, o homem "mendicante de significado e cumprimento" vai à procura contínua de respostas exaustivas às interrogações fundamentais que não cessa de levantar (BENTO XVI, 2015).

3.1. Conexões com a política

Para os gregos a excelência é fundamental e sem ela tudo se degenera. Desta forma Aristóteles (2005, p. 90-91) explica que a monarquia (governo de um só) gera unidade ou degenerar-se em tirania (liderança ilegítima), a aristocracia (governo dos melhores) gera qualidade ou degenerar-se em oligarquia (governo de poucos) e a democracia (governo de muitos) gera liberdade ou degenerar-se em demagogia (manipulação do povo).

Platão (2005) sugere uma república (coisa de todos) baseada em princípios definidos em regime constitucional sob a tutela de “reis filósofos”, uma forma de aristocracia. Princípios de excelência geram justiça ao serem inspirados nas leis perfeitas e deterministas da natureza. Para Platão a democracia é falha pela falta da verdade, não passa de um sofismo. O voto da maioria define a vontade e não a verdade, ou seja, é subjetivo e não objetivo.

A revolução francesa reformou estas ideias e criou seu conceito de democracia como mistura de república (constituição), monarquia (presidente), aristocracia (parlamento) e democracia (voto do povo). Desta forma a democracia francesa é uma dualidade república-democracia, tal como a dualidade onda-partícula; quando esta focaliza nos princípios ela é mais republicana e quando focaliza na vontade do povo ela é mais democrática. Não define a verdade, mas gera diálogo e equilíbrio entre a qualidade e a quantidade.

Durante a revolução francesa o parlamento se dividia em duas grandes partes, uma a direita e outra a esquerda, ficando uma parte no centro e em baixo que também foi chamada depreciativamente de pântano. À direita os liberais conservadores com prioridade aos princípios de excelência e individualidade, à esquerda, em oposição, os que davam prioridade à vontade e coletividade. Sem que ninguém reparasse, no parlamento francês estavam à direita o pensamento de Parmênides e à esquerda o pensamento de Heráclito?

No século XVIII surge o liberalismo com Adam Smith para dar base teórica ao capitalismo e dura até a crise de 1929. Este defende a liberdade individual, a livre iniciativa, a propriedade privada e a livre concorrência. Por outro lado, no século XIX, Karl Marx propõe o fim da propriedade privada no comunismo. Este defende um sistema de transição chamado socialismo que entende democracia como a “ditadura do proletariado”.

Sob esta nova perspectiva de liberalismo versus socialismo o conceito de direita versus esquerda transforma-se em Estado mínimo versus Estado máximo, respectivamente. Seguindo esta definição, dois exemplos de Estado máximo são o nazismo (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) e o fascismo (feixe, agrupamento, sociedade), que mesmo não seguindo a ortodoxia marxista devem ser lançados à esquerda.

Rockwell (2015) explica sobre a alegação de fascismo e nazismo serem ditaduras de direita porque não se opõem à propriedade privada, diferente do marxismo, entretanto, como Estado máximo, sua ação é intensa suficiente para o dono não ser dono de fato. Evidente que rotular como fascista alguém de direita é simplesmente desinformação.

O próprio Mussolini explicou seu princípio da seguinte maneira: "Tudo dentro do Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado". Ele também disse: "O princípio básico da doutrina Fascista é sua concepção do Estado, de sua essência, de suas funções e de seus objetivos. Para o Fascismo, o Estado é absoluto; indivíduos e grupos, relativos." (ROCKWELL, 2015).

Para melhor visualizar a diferença entre liberalismo (direta) e socialismo (esquerda) é preciso olhar para dentro do próprio capitalismo, na diferença entre Keynes e Hayek. Depois da quebra da bolsa de valores em 1929 a economia capitalista inclina-se ao socialismo com os princípios econômicos de John M. Keynes em um Estado máximo, ou seja, intervencionista de “bem-estar” que gera gastos artificiais para promover a economia.

Keynes não era um socialista da velha guarda. Como ele próprio admitiu na introdução da edição nazista da *Teoria Geral*, o nacional-socialismo era muito mais favorável às suas ideias do que uma economia de mercado (ROCKWELL, 2015).

Durante a 2ª Guerra Mundial esta “queima de gordura” na economia dos EUA teve resultado, mas foi insustentável em longo prazo por gerar dívidas e não “gordura”. O que

se explica na famosa frase de Margaret Thatcher: “O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros”. Como resposta nasce neoliberalismo em 1944, pelas mãos de Friedrich Hayek.

O neoliberalismo atualiza o liberalismo ao defender um Estado mínimo, privatizações, abertura econômica e uma mínima interferência na economia, apenas como regulador. Isto definiu a era da globalização e foi implantado nos EUA por Ronald Reagan e na Inglaterra por Margaret Thatcher. Este promove a administração gerencial (controle nos resultados) que substitui à burocrática (controle no processo).

Em termos de economia, qual a diferença entre Estado mínimo e máximo? No modelo de Keynes a economia se desenvolve por cima, pela intervenção do Estado, enquanto para o modelo de Hayek esta se desenvolve por baixo, pela livre ação do cidadão. O problema do Estado máximo é a monopolização do poder diante da liberdade individual já que o serviço público não tem a concorrência como sistema de controle.

3.2. Marxismo cultural

O marxismo é baseado no materialismo dialético, que considera a matéria como única existência no universo, opondo-se ao idealismo e usa da dialética (dois logoi) como caminho mutável entre ideias. Isto é nitidamente um posicionamento ao lado de Heráclito.

Alves (2015, p. 1) define o materialismo dialético:

O materialismo dialético pode ser definido como a filosofia do materialismo histórico, ou o corpo teórico que pensa a ciência da história. Os princípios fundamentais do materialismo dialético são quatro: (1) a história da filosofia, que aparece como uma sucessão de doutrinas filosóficas contraditórias, dissimula um processo em que se enfrentam o princípio idealista e o princípio materialista; (2) o ser determina a consciência e não inversamente; (3) toda a matéria é essencialmente dialética, e o contrário da dialética é a metafísica, que entende a matéria como estática e anistórica; (4) a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas.

O marxismo se espalhou por todo o mundo em duas frentes, na revolução armada e na revolução cultural. A transformação lenta da sociedade para a sua libertação de uma burguesia opressora e seus paradigmas (valores, princípios) culturais e educacionais, no pensamento de seus defensores. Para opositores é subversão, uma tática de infiltração e inversão de valores para destruir a sociedade conservadora por dentro. Qual seria um exemplo?

Nesta visão revolucionária a arte tem como função o prazer com seu fim em si mesmo. Necessariamente não se trata de hedonismo, mas sim, tal como os três poderes da democracia francesa, a arte é um poder independente. É subjetiva, busca a autonomia na sua

própria verdade e não a heteronomia na verdade objetiva além de si. Não há um ideal para convergir em processo evolutivo, a diversidade seria o ideal e o prazer o seu fim.

Esta liberdade sem um conceito externo de excelência seria a verdadeira liberdade, ou sua degeneração, a libertinagem? Os gregos exaltavam a razão, que deve dominar as emoções, ou seja, a sensibilidade, mas aqui a sensibilidade é exaltada, sua liberdade deve ser livre até da própria razão sem reservas de ser irracional. Há filósofos que defende a beleza universal, o “belo em si” (objetivismo), enquanto outros entendem que o belo existe em quem o contempla, conforme lhe dá prazer, no sentido que “gosto não se discute” (subjetivismo).

Esta revolução cultural, ou engenharia social, também é a instalação de uma nova ordem com sinais marcantes de subjetivismo. Olavo de Carvalho (2015a) explica:

[Ideias de Capra e Gramsci] são "revoluções culturais". Pretendem inaugurar um novo cenário mental para a humanidade, no qual todas as visões e opiniões anteriores serão implicitamente invalidadas como meras expressões subjetivas de um tempo que passou. Como, de outro lado, a nova cosmovisão também não se apresenta como verdade objetivamente válida e sim apenas como expressão de um "novo tempo", já não se pode confrontar as ideias de hoje com as de antigamente para saber quem tem razão: o critério de veracidade foi substituído pelo da "atualidade", e como toda época é atual para si mesma, cada qual constitui uma unidade cerrada, com suas ideias que só são válidas subjetivamente para ela. Platão tinha as ideias do "seu tempo"; nós temos a do "nosso tempo" — cada um na sua.

Sobre as ideias de Fritjof Capra e Antônio Gramsci, que expressam a raiz da revolução cultural de ideal marxista, Carvalho conclui que “o simples desejo de compreendê-las basta para exorcizá-las” (2015a). O relativismo moral é evidente e gera uma subjetividade coletiva autoconfiante e autônoma a respeito da verdade objetiva.

Porém, para o pensamento marxista, “o materialismo dialético entende que não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo. Entretanto, é comum vermos nas publicações marxistas certa rejeição ao tema da subjetividade” (ALVES, 2015, p.2).

O materialismo não se considera subjetivo, ao contrário da linha de raciocínio apresentada neste trabalho. Como explicar isto? Como já dito, o materialismo se opõe ao idealismo, componente do mundo das ideias de Platão, com base em Parmênides, e se alinha com os valores de Heráclito. Mesmo o materialismo tendo por base só a matéria, elemento objetivo da realidade, toda sua ideia é uma construção do sujeito, elemento mutável e etéreo, incapaz de verdade absoluta. Então, aqui será considerado como subjetivo.

Resumindo, o materialismo dialético é o estudo da contradição na essência mesma das coisas (Heráclito na raiz!). A ideia não é a abstração independente do sujeito (objetivismo) e sim uma construção do sujeito contextualizado (subjetivismo).

A visão de Antônio Gramsci é a predominante na educação atual de filosofia no Brasil, como se pode perceber, no texto a seguir.

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são "filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea", peculiar a "todo o mundo", isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, consequentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por "folclore" (GRAMSCI *apud* CARVALHO, 2015b).

A filosofia torna-se tão inclusiva que o caráter rigoroso e sistemático, da visão clássica e conservadora, é vista por Gramsci como uma variável quantitativa e não qualitativa, como explica Carvalho (2015b). Não que o aluno não deva filosofar, este deve, a questão é o foco em uma "cultura de excelência" ou uma "cultura popular".

No texto a seguir, de Antônio Gramsci, a heteronomia é algo a ser superado, já que uma verdade externa seria aceitar de forma exterior e servil a própria personalidade. Um grito contra o doutrinamento na visão marxista, mas um grito de desonestidade intelectual para quem acredita em uma verdade universal, ou seja, na visão conservadora.

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente - já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na "linguagem", está contida uma determinada concepção do mundo -, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível "pensar" sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, "participar" de uma concepção do mundo "imposta" mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na "atividade intelectual" do vigário ou do velho patriarca, cuja "sabedoria" dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI *apud* CARVALHO, 2015b).

Evidente o valor da "personalidade" e que a pessoa deva nadar contra a correnteza toda vez que esta não for justa. Entretanto, quem seria o opressor que impõe a concepção

de mundo? Poderia ser a verdade racional opressora, a cultura filosófica da Grécia antiga, o pensamento cristão, o interesse burguês ou o próprio pensamento revolucionário?

3.3. Ditadura brasileira

O marxismo age por baixo, na cultura, ou por cima, na tomada do poder pelas armas. Na cultura, aplicando Gramsci, o movimento age na desconstrução da sociedade conservadora que lhe gera resistência e, usando-a ela mesma como instrumento, a reconstrói a sua imagem e semelhança através de seus paradigmas, segundo Carvalho (2015a).

Como desconstruir uma sociedade para suplantá-la com outra? Quais são os preços aceitáveis? Deve-se contabilizar o número de mortos, isto é fato e não mito. Visto que um psicopata não possui autocrítica (FERLIN, 2015), isto não seria um bom indicativo para avaliar seus paradigmas? A forma de contar a história e a filosofia podem estar envolvidas?

Um exemplo seria analisar o regime militar brasileiro de 1964 a 1985, que durou 21 anos sob o governo de 5 presidentes. Eles entraram e saíram do poder sem dar um único tiro, entretanto mataram 461 pessoas no percurso, segundo seus opositores. Estes mortos queriam aplicar no Brasil o socialismo aplicado em Cuba, dando apoio intelectual ou participando em guerrilhas envolvendo terrorismo, sequestro, assalto a bancos, roubo de cargas...

Enquanto isso, na pequena ilha chamada Cuba, com população de 7 milhões, 10 vezes menor que os 70 milhões de brasileiros, foram mortos 14.000 pessoas para a implantação do socialismo-comunismo apenas nos 3 primeiros anos (FONTOVA, 2015). Ainda estão no poder os irmãos Castro? Esta comparação numérica não consta nos livros de história, uma falta de consciência ética de seus autores ou de autocrítica?

Evidente que os militares brasileiros usaram de tortura para obter informações e da censura para desarticular a comunicação que dava apoio ao inimigo. Tal como removeram o ensino de Filosofia das escolas. Não queriam que a população pensasse ou, incapazes de impedir o doutrinamento socialista-comunista, agiram conforme seu alcance?

Os militares brasileiros cometeram erros graves, entretanto tiveram autocrítica. Algo nítido na lei da anistia. E se eles não tivessem feito nada? Se em Cuba morreram 14.000 e o Brasil era 10 vezes maior, então os militares salvaram a vida de 140.000 pessoas? Ser professor ético significa levantar dados numéricos de ambos os lados como início de uma pesquisa complexa e respeitar a liberdade dos alunos de tirarem suas próprias conclusões.

4. FILOSOFANDO O ENSINO

Qual a relação da investigação deste trabalho com ensino de filosofia? No confronto de crenças entre determinismo e indeterminismo, existe a relação racionalismo e empirismo. Seriam as faces da mesma moeda? Em parte sim, entretanto o determinismo e o racionalismo podem apresentar a verdade com aparência de “opressora” enquanto seria a mais “politicamente correto” uma visão fluida e passageira da verdade para cada sujeito.

4.1. Einstein e a educação

A tendência atual na educação está no empirismo imediatista e no afastamento das abstrações profundas do racionalismo. Os dois textos, a seguir, apresentam pontos de vistas diferentes, o primeiro empirista e o segundo racionalista.

Podemos encontrar, no tocante à alegria necessária ao ensino, um paralelo com a atitude adotada por um dos pioneiros do ensino da Física em língua portuguesa, o padre Teodoro de Almeida (1722-1804). No século XVIII ele já enfatizava o caráter lúdico das demonstrações experimentais que exerciam, ao seu ver, um grande fascínio sobre o público. Suas ideias chocavam-se, contudo, com um ensino meramente livresco até então hegemonicamente adotado pelos jesuítas (MEDEIROS, MEDEIROS, 2015).

As escolas E.D. Hirsch Core Knowledge provaram mais do que uma vez que não somente o ensino rico em conteúdo aumenta o sucesso acadêmico de crianças pobres em testes padrões, mas que aqueles estudantes permanecem curiosos, intelectualmente estimulados e engajados – embora as escolas de educação continuem a ignorar esses sucessos documentados (STERN, 2015).

Como já foi dito, Einstein era conservador e defensor do determinismo, entretanto em matéria de educação ele defendia o empirismo. No racionalismo busca-se uma ideia determinada (determinismo) que independe do sujeito (objetivismo) e no empirismo os dados materiais são coletados de forma estatística (indeterminismo).

Este trabalho “bipolar” utiliza de uma linha imaginária para gerar um ponto de vista para reflexão e nesse contexto de proximidades o demônio que ele combatia na Física se torna seu companheiro e amigo em outras instâncias. Einstein diz:

A religião serve para o homem assim como a viseira serve para o cavalo. Jamais poderás admitir, cristão, que alguém mais inteligente e estudioso que tu, questione tuas crenças porque sabes que toda tua vida está apoiada em mentiras incuráveis e que um simples sopro é suficiente para reduzir-te a um espectro acabado. Quando ensinarás teu filho questionar a vida, os dogmas, as mentiras e as farsas que o Estado e a educação contemporânea lhes injetam nas veias à força? Eu prefiro uma criança rebelde, crítica, criativa e autônoma, em lugar dessas pobres criaturas domesticadas, massificadas e servis que povoam tuas escolas (EINSTEIN *apud* LIVRES PENSADORES, 2015).

É quase um milagre que os métodos modernos de instrução não tenham exterminado completamente a sagrada sede de saber, pois essa planta frágil da curiosidade científica necessita, além de estímulo, especialmente de liberdade; sem ela, fenece e morre. É um grave erro supor que a satisfação de observar e pesquisar pode ser promovida por meio da coerção e da noção do dever. Muito ao contrário, acredito que seria possível eliminar por completo a voracidade de um animal predatório obrigando-o, à força, a se alimentar continuamente, mesmo quando não tivesse fome, especialmente se o alimento usado para a coerção fosse escolhido para isso (EINSTEIN *apud* MEDEIROS, MEDEIROS, 2015).

Pode-se notar nos dois textos acima a repudia de Einstein contra a doutrinação e o totalitarismo, mas será a rebeldia proposta por ele é solução? A rebeldia pode ser vista de duas formas: reação contra algo errado a ser corrigido e tornar-se dócil à verdade alcançada; ou eterna rebeldia firmando na indeterminação. Em termos científicos Einstein mudou o sistema clássico de Newton, mas não mudou o aspecto clássico e se opôs à interpretação da Física Quântica que o fez, entretanto na educação parece busca a indeterminação permanente.

4.2. Doutrinação nas escolas

A visão de mundo hegemônica atual está sobre o domínio do “marxismo cultural” e apresenta como modelo ser uma pessoa “politicamente correta”. Nesta ânsia de liberdade está a ação do educador brasileiro Paulo Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*, que invadiu os Estados Unidos. Stern (2015) cita Paulo Freire:

A pedagogia dos oprimidos (é) uma pedagogia a qual deve ser forjada pelos, não para, os oprimidos (indivíduos ou populações) no esforço incessante de recuperar sua humanidade. Essa pedagogia torna a opressão e suas causas objeto de reflexão pelos oprimidos, e dessa reflexão surgirá seu necessário envolvimento no esforço para sua liberação. E, nesse interim, essa pedagogia será feita e refeita.

Segundo Stern (2015), tal pedagogia é doutrinação porque não tem o foco no aprendizado e sim na sensibilização e conscientização dos explorados desmascarando o mundo da opressão para sua “libertação”. Seria o doutrinação a libertação? Nessa visão os alunos são mais do que estudantes, são militantes na batalha pela justiça social e os professores estão, sabendo ou não, sendo pregadores desta crença.

Instrução se tornando doutrinação é uma denúncia grave, entretanto é proporcional quando Paulo Freire elogia uma ditadura sanguinária que matou milhões, tal como Mao Tse-Tung na China. Algumas citações de Stern (2015):

Em uma nota de rodapé, Freire menciona uma sociedade que na verdade alcançou “a liberação permanente” que ele almeja: essa “parece ser o aspecto fundamental da Revolução Cultural de Mao”.

[Pedagogia do Oprimindo é] um tratado político utópico para acabar com a hegemonia capitalista e criar sociedades sem classes. Os professores que adotam essas ideias perniciosas arriscam prejudicar seus alunos – e ironicamente, os seus alunos menos favorecidos é que irão sofrer mais. [...]

[Freire cita] um diferente grupo de pensadores: Marx, Lenin, Che Guevara e Fidel Castro, assim como intelectuais radicais como Frantz Fanon, Régis Debray, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Louis Althusser e Georg Lukács. [...]

[Freire] confia na formulação padrão de Marx [e diz] que “o conflito entre classes necessariamente leva à ditadura do proletariado [e] ela somente constitui a transição para a abolição de todas as classes, isto é, uma sociedade sem classes”.

Quem são as pessoas que Paulo Freire tem como heróis? Sabe-se que Adolf Hitler matou em campos de concentração 7 milhões de pessoas em nome de sua causa. Mas quantos foram os mortos em nome da causa socialista-comunista? Em 1997 estudiosos franceses esquerdistas fizeram uma autocrítica no *Livro Negro do Comunismo*.

Dufaur (2015) afirma sobre este livro:

Segundo os cálculos, o comunismo é responsável por cerca de 100 milhões de mortos. Só na China somam 63 milhões, e na Rússia 20 milhões. E isso apesar de os autores minimizarem as cifras. Exemplos: a Comissão sobre Repressão do governo russo concluiu que os bolchevistas mataram pelo menos 43 milhões de pessoas entre 1917 e 1953. Na Coreia do Norte, segundo a agência católica Zenit, o comunismo matou de fome 3,5 milhões, sete vezes mais do que os autores informam.

A base do socialismo-comunismo é o materialismo dialético fundado por Karl Marx. Mas o que significa isto na educação? “O materialismo dialético pretende ser, ao mesmo tempo, o fim da filosofia e o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo” (ALVES, 2015, p. 1). A visão de uma educação transformadora ao lado de 100 milhões de mortos é um convite para a reflexão e autocrítica.

Liberdade, isto Einstein pregava. E disse que “é tarefa essencial do professor despertar a alegria de trabalhar e de conhecer”, conforme cita Medeiros e Medeiros (2015). Um homem que fugiu da Alemanha para não ser envidado a um campo de concentração nunca iria elogiar ditadores genocidas e nem ser conivente com a doutrinação marxista. Mas qual a visão filosófica de Einstein sobre o ensino? Medeiros e Medeiros (2015) citam as palavras de Albert Einstein com o destaque à História e Filosofia:

Aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos na comunidade. Estas reflexões essenciais, comunicadas à jovem geração graças aos contatos vivos com os professores, de forma alguma se encontram escritas nos manuais. É assim que se expressa e se forma de início toda a cultura. Quando recomendo com ardor as ‘Humanidades’, quero recomendar essa cultura viva, e não um saber fossilizado, sobretudo em História e Filosofia.

Apesar de crer no determinismo, tendo esperança em uma teoria universal, julga como “saber fossilizado” o ensino de Filosofia. Sua crítica é a falta da “inteligência emocional”, uma visão completa do ser humano, tal como Sócrates valoriza. Isto não é uma exaltação de Heráclito em detrimento de Parmênides, mas um desejo que o ensino possa evoluir segundo sua forma natural, sem doutrinação e sem frieza.

4.3. Einstein abraça o demônio

O que fica estranho é que Einstein, um homem teórico e inventor dos “experimentos pensados”, deixa de lado a abstração profunda, marca do racionalismo e sua marca registrada, para então defender o empirismo na cultura e no ensino. Não que um não possa existir sem o outro, Einstein entende que o foco para o aluno deve ser começando pela prática para que haja significado e superação da frieza que ele conheceu na Alemanha do século XIX.

O desenvolvimento do homem não é para torna-lo uma máquina utilizável e sim uma personalidade, para que ele seja livre. Medeiros e Medeiros (2015) cita Einstein:

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim, uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. [...]

Uma elevação constante, servida por um florescimento do que há de melhor no homem e por um desenvolvimento sempre crescente de todas as suas qualidades potenciais, consideradas do quádruplo ponto de vista físico, intelectual, moral e artístico; significa, numa palavra, a conquista da liberdade.

Einstein e Freire desejam a liberdade por meio do ensino, entretanto Freire condiciona o indivíduo à causa social enquanto Einstein encontra na liberdade individual (personalidade) a única forma de ser verdadeiramente livre. Ambos desejam a transformação de seu mundo por caminhos não formais, mas opostos na relação indivíduo-grupo.

A questão demoníaca é a rebeldia que Einstein escolheu. Seria apenas contra a frieza de sua época ou traria em seu cerne a negação à objetividade e ao determinismo? Na sua fala, ao comparar a religião à viseira do cavalo, poderia ser a escolha da vontade sobre a verdade, uma exaltação do ego acima de tudo ou uma objetividade falsa da religião?

Alguns dados históricos podem orientar esta questão:

Einstein nasceu na cidade de Ulm, na Alemanha, e logo cedo mudou-se para Munique onde recebeu a sua educação básica. De início, ele não se mostrou ser nenhum prodígio; pelo contrário, foi uma criança solitária, fechada em si mesma, que só aprendeu a

falar tardiamente. Na escola, foi tido como um rebelde que não se adaptava aos rígidos padrões de disciplina germânicos. Essa sua reação às imposições dos seus mestres continuaria quando estudante na Escola Politécnica de Zurique e se corporificaria, tempos depois, já na maturidade, em belas reflexões pedagógicas.

Tendo em mente uma educação humanista voltada para a formação de uma personalidade integral, Einstein combateu sempre o autoritarismo nas relações humanas e em especial no âmbito escolar. Esta personalidade integral preconizada para os estudantes incorporaria uma formação que extrapolaria a mera posse do conhecimento de conteúdos curriculares específicos e incluiria uma dimensão social e ética às suas vidas (MEDEIROS, MEDEIROS, 2015).

Neste raciocínio a rebeldia está intimamente ligada à personalidade. Seria isto o cerne da identidade e da liberdade do indivíduo? Uma educação libertadora deve trabalhar para a liberdade individual e sua interação social, para que haja um equilíbrio justo entre indivíduo e coletivo, e não uma degeneração para o individualismo ou para o coletivismo.

Responsabilidade do professor de dar o enfoque certo à liberdade para que esta não seja manipulada. Albert Einstein era conhecido por ser egocêntrico, mas pelo menos seu enorme ego tinha base na sua enorme inteligência. A questão que nos interessa é se a sua visão da educação sofreu ou não interferência de seu ego tal como uma lente gravitacional.

5. O MITO DA CAVERNA

O mito da caverna, de Platão, é um clássico no ensino de filosofia tal como também é clássico o questionador ser questionado. Qualquer um pode usar deste mito e lançar sobre seus opositores a condição de prisioneiros da caverna. O demônio que assombrou Einstein era o indeterminismo, então, quem estava preso na caverna, o determinismo ou o indeterminismo? Ou, talvez, uma disputa infantil entre os dois?

5.1. Mitos conservadores

Sócrates foi acusado de corromper a juventude e morreu como mártir. Uma tragédia grega para quem defendia os valores morais e levantava a voz forte contra toda forma de hipocrisia. Ele não corrompia a juventude e nem deve o ensino de filosofia ter um caminho diferente dos verdadeiros valores de Sócrates. Sócrates não vacilou na caverna de seu tempo.

Uma revisão simplificada do mito:

O Mito da Caverna, ou Alegoria da Caverna, foi escrito pelo filósofo Platão e está contido em “A República”, no livro VII. Na alegoria narra-se o diálogo de Sócrates com Glauco e Adimato. É um dos textos mais lidos no mundo filosófico.

Platão utilizou a linguagem mítica para mostrar o quanto os cidadãos estavam presos a certas credences e superstições. Para lembrar, apresento uma forma reelaborada do mito. A história narra a vida de alguns homens que nasceram e cresceram dentro de uma caverna e ficavam voltados para o fundo dela. Ali contemplavam uma réstia de luz que refletia sombras no fundo da parede. Esse era o seu mundo. Certo dia, um dos habitantes resolveu voltar-se para o lado de fora da caverna e logo ficou cego devido à claridade da luz. E, aos poucos, vislumbrou outro mundo com natureza, cores, “imagens” diferentes do que estava acostumado a “ver”. Voltou para a caverna para narrar o fato aos seus amigos, mas eles não acreditaram nele e revoltados com a “mentira” o mataram. (CARNEIRO, 2015).

Aquele que retornou viu “imagens” diferentes e sua “mentira” causou revolta. A ciência é uma disciplina filosofia e não teológica, de forma que trabalha com investigações e não doutrinas. Então, nitidamente, o conflito foi de crenças, como a crença no determinismo de Einstein e a no indeterminismo de Bohr.

Na citação de Livres Pensadores (2015), Einstein diz que “a religião serve para o homem assim como a viseira serve para o cavalo”, apresentando os dogmas como mentiras. Obviamente ele se referia ao doutrinamento e a defesa da laicidade do Estado, de forma que também será oposto a qualquer doutrinamento, da qual a rebeldia citada é ação de um livre pensador e não de um agente do caos.

O doutrinamento de que Einstein se refere é ao cristão, então seria adequado questionar os mitos cristãos com o olhar filosófico. Como foi discutido o marxismo cultural e que se apresenta como o doutrinamento para uma utopia, então qual é a utopia cristã que Einstein poderia discutir no contexto de seu demônio no ensino de filosofia? Uma utopia é objetiva se ela existe além e independente do sujeito pensante, entretanto é subjetiva se é inventada por sujeitos e será tão imperfeita quanto estes sujeitos.

O conceito de paz para os romanos, a *pax romana*, consiste em Roma dominar todo o mundo e na ausência de inimigos não haver mais guerra. Ou seja, exterminar todos os opositores. Os nazistas viam como opositores uma raça, os judeus, e os comunistas uma classe social, a burguesia, que deveria ser exterminada. Para implantar tal utopia, Josef Stalin inventou os campos de concentração e Adolf Hitler copiou a ideia.

No cristianismo também existe um conceito de extermínio, o Julgamento Final. Mas somente através de um ser perfeito, Deus, e a classe a ser exterminada serão os pecadores que na livre escolha não abandonarem a maldade. Tal conceito de paraíso é indissolúvel da *pax romana* de forma que uma verdade objetiva e universal nitidamente é um Estado máximo. Todo outro Estado máximo seria tomar o lugar de Deus?

A verdade objetiva é um Estado máximo. Só pode existir um absoluto, um infinito. A simples ideia de um Deus perfeito, eterno, onisciente, onipresente e onipotente traz em si um Estado máximo. A questão é um Estado máximo natural ou não. Ou o Estado poderia usurpar o lugar de Deus e se sentar em seu trono? A questão passa pelo cerne entre teocentrismo, onde há uma verdade, e antropocentrismo, onde cada homem tem a sua verdade.

A palavra “igreja”, em grego, significa comunidade. Então isto seria, na sua essência, comunismo mesmo o Universo sendo uma propriedade privada de Deus? O comunismo moderno é ateu na sua base e promete um paraíso na terra, enquanto o comunismo religioso promete este paraíso em outra realidade, que é espiritual. O conflito entre estas crenças possui semelhanças e diferenças que gera concorrência.

No mito cristão da origem o Diabo diz: “Vocês serão como deuses” (Gn 3,5) e isto está associado à queda dos anjos (CIC, 2000, n. 391-393). Há quem diga que os anjos rebeldes decidiram adorar ao Diabo ao invés de Deus, o que é péssima jogada de *marketing*. Seria mais astuto o Diabo dizer: “Não adorem a Deus, e sim a si mesmos, isto é liberdade!”, e lentamente manipular a ilusão de liberdade e personalidade para fazer os rebeldes adorarem a ele próprio. De forma, resumidamente, pode-se dizer que eles adoraram ao Diabo.

Nesta situação poderia o Diabo acusar a Deus de ser um tirano egocêntrico, mas com muita astúcia ele mesmo ser o tal tirano egocêntrico. Encaixa-se bem a famosa frase de Lênin: “Acuse os adversários do que você faz, chame-os do que você é!”. Logo, quem teria ensinado isso, Lênin ao Diabo ou o Diabo à Lênin?

Há quem veja o mundo como um jogo de xadrez entre Deus e o Diabo e a humanidade são as peças. Mas olhando por outro ângulo, por que Deus jogaria xadrez? Seria mais coerente imaginar o Diabo esteja brincando com as peças e se divertindo. Faz mais sentido o diabo lançar um peão contra outro, ou seja, um fundamentalista contra outro, enquanto Deus ensina a ultrapassar o tabuleiro onde as falhas no caráter obscurecem o intelecto.

5.2. Relativismo e fundamentalismo

O ensino de filosofia serve para resolver os problemas imediatos de interesse do aluno ou para conhecer uma verdade que transcende ao indivíduo? Responder esta pergunta mostra o foco subjetivo ou objetivo do ensino de filosofia, respectivamente. No enfoque subjetivo os sujeitos constroem sua própria realidade, enquanto no enfoque objetivo os sujeitos encontram e se adaptam individualmente à realidade.

Tal confronto de ideias também se expressa entre relativismo e fundamentalismo. No relativismo não há enraizamento em princípios além de si e o sujeito oscila entre inúmeras realidades disponíveis. No fundamentalismo há fechamento em determinados princípios, descartando a pluralidade e o limite histórico do seu pensamento dentro do todo.

Do ponto de vista conservador há o recado: “Não vos deixeis sacudir por qualquer vento de doutrina” (Ef 4, 14). A degeneração de uma certeza obviamente trata-se de fundamentalismo, não seria objetividade ou determinismo e sim a sua degeneração. Da mesma forma a dúvida filosófica e o reconhecimento da falta de conhecimento, tal como Sócrates ao dizer que “tudo que sei é que nada sei”, pode se degenerar em relativismo.

Quanto à degeneração da subjetividade e a imersão no relativismo moral Estevão Bettencourt cita a advertência do filósofo Ludwig Wittgenstein: “É preciso não falar daquilo que a mente do homem não atinge” (2015). Tais ventos de doutrina são degenerações da dúvida filosófica e o abandono da metafísica, deixando de buscar o que a mente do homem não atinge, e talvez, nem queira atingir para não sair de sua caverna?

Bettencourt (2015) explica sobre o relativismo filosófico:

Não se pode pretender chegar a uma verdade objetiva, pois a mente humana não conhece a realidade como ela é, mas como o sujeito a consegue enquadrar dentro dos seus parâmetros de pensamento. A verdade portanto não é aquilo que a filosofia clássica ensina (conformação do intelecto com a realidade em si), mas, ao contrário, é a conformação da realidade com o intelecto. A verdade assim é algo de subjetivo, pessoal, em vez de ser objetiva e universal, para todos os homens. Já que não há um intelecto só para todos os homens, mas cada qual tem seu intelecto, diverso do intelecto do próximo ou mesmo oposto a este, em consequência há muitas verdades. Cada um tem a sua própria verdade.

Seria a caverna atual a crença da mente humana não ser capaz de conhecer a realidade tal como ela é? O paradigma dominante é a das infinitas verdades transitórias, o relativismo que é muito diferente da relatividade de Einstein, entretanto próximo de sua exaltação da personalidade subjetiva. Na escola deve-se questionar se tal visão de mundo, ou crença, é apresentada como proposta de explicação da realidade ou anunciada como doutrina.

Uma ferramenta importante é a historicidade, ou seja, a visão da história com profunda análise de seu contexto sob a investigação filosófica. A qualidade da historicidade é óbvia, o problema é de não ser historicidade e sim sua degeneração. Ela retrata realmente a investigação filosófica ou seria mais uma forma de doutrinação escolar?

Bettencourt (2015) explica sobre o historicismo:

O historicismo ensina que “tudo é histórico” ou provisório e variável; o que ontem era importante, hoje deixa de ser tal. Ora a verdade é conhecida e vivida na história, sujeita a contínuas mudanças; ela é “filha do seu tempo”. Tudo o que é verdadeiro e bom é tal unicamente para o seu tempo, e não de modo universal, para todos os tempos e todos os homens. Nenhuma cultura tem o direito de se julgar melhor do que as outras; todos os modos de pensar e viver têm o mesmo direito.

A visão de Bettencourt é nitidamente conservadora, seu objetivismo é forte e a crença de que deve a mente buscar com todo vigor a verdade universal é evidente. Tal como ele não acredita na boa intensão do outro lado, denunciando uma ditadura do relativismo e defendendo que sua fé no catolicismo não é fundamentalista.

A palavra “fundamentalismo” se refere ao fundamento, ou seja, os valores e princípios que são os alicerces da crença em questão. A palavra “radical” se refere à raiz, com o mesmo sentido de fundamento, sendo uma redundância o termo “radical fundamentalista”. Viver o fundamento, a raiz, em si é bom, o problema estaria na degeneração que faz jus ao termo pejorativo “fundamentalista”.

Entretanto, para quem compartilha a crença na incerteza, a simples ideia de tal fundamento, tal certeza, trata-se apenas da “ilusão de conhecimento” que seria intrinsicamente perigosa e intelectualmente desonesta ao se negar à aridez da dúvida filosófica, ou seja, uma

caverna. O interessante é que justamente a crença na incerteza está mais próxima de se admitir os próprios limites e a incapacidade da certeza necessária para julgar uma crença.

A filosofia perdeu a esperança em “evidências”, porque o mundo ficou muito mais complexo do que a ideia que se fazia dele no tempo dos racionalistas.

5.3. Professor transparente

Platão harmonizou a imutabilidade de Parmênides com a mutabilidade de Heráclito em sua explicação do mundo das ideias e do mundo real. Uma resposta verdadeira deverá reconhecer o valor do determinismo e do indeterminismo sem se esquecer das imperfeições humanas de seus defensores. Em matéria de ensino de filosofia, seguindo esta lógica, pode-se cunhar a frase: “A doutrina é do sábio e a dúvida do filósofo”.

Tomás de Aquino via a filosofia como serva da teologia no sentido de ser um instrumento para entender e comunicar sua fé, mas transparente na sua independência. Assim o professor deve ser transparente sobre a dúvida e a crença, pois este é filósofo e não teólogo, forma necessária para respeitar a liberdade do aluno. O professor pode transmitir suas crenças, o que não é errado, mas deve fazer isto em uma igreja e não na escola...

A postura ética do professor é centrada na “transparência”, este é o norte para o ensino de filosofia. Não só deve discutir o mito da caverna, mas a caverna dos mitos. Os medievais fizeram de Aristóteles um mito e isto foi um erro, Galileu poderia explicar melhor... Não se deve fazer de Einstein um mito, mesmo com sua imensa contribuição, e sim ficar atento contra outros mitos, como Paulo Freire, acusando-o dentro da caverna se for preciso.

Qual é a função da escola? A palavra “inteligência” provém de “comunicação”, assim ser inteligente é ter capacidade cognitiva de comunicar, discursar e afirmar de forma lógica, enquanto “aluno” significa “não iluminado”, com intensão de ser iluminado pelo conhecimento. Assim, o dever do professor é desenvolver a inteligência da futura geração ao invés de doutrina-la conforme suas crenças.

Caso contrário, a educação estadual não está sendo laica e tal falta de transparência seria uma ação criminosa! A *Constituição Federal*, art. 5º, afirma em IV que “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato” e em VI que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença”, tal como no art. 19º afirma a neutralidade do Estado quanto às crenças (BRASIL, 2015). O professor deve encontrar o justo equilíbrio entre a sua liberda-

de de expressão e a liberdade de crença de seus alunos, com transparência, pois é proibido o anonimato. Isto evidencia a importância da transparência como solução.

Doutrinação é novidade? Quando os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles se posicionavam contra o sofismo não aceitavam a postura dos sofistas de construir a sua própria verdade, porque olhavam a filosofia como método investigativo para buscar a verdade. Mas o que é a verdade? Isto já ultrapassa o campo da filosofia na escola e se torna investigação pessoal do aluno, o professor só pode conduzi-lo a certo ponto, depois ele deve trilhar sozinho. Isto corresponde à essência privada do aluno.

Sobre a essência privada, Wittgenstein (*apud* SALATIEL, 2015) explica:

O essencial das vivências privadas não é que cada um possua seu exemplar, mas que nenhum saiba que se o outro tem também *isto* ou algo diferente. Seria pois possível a suposição - ainda que não verificável - de que uma parte da humanidade tenha *uma* sensação do vermelho e outra parte uma outra sensação.

Tal sensação privada da verdade justifica tanto a liberdade religiosa como a liberdade filosófica, sensação que precisa ser expressa pela linguagem, ou seja, de forma inteligível, para o professor orientar e não ditar. O filósofo deve saber dialogar entre a objetividade e a subjetividade, independente de sua crença na verdade objetiva ou nas verdades subjetivas. A transparência é a marca de seu profissionalismo.

Na citação acima, Wittgenstein apresentou uma solução condizente ao subjetivismo e capaz da trégua aceitável para o objetivismo. O intuito conservador é que a escola ensine (técnica) e os pais eduquem (princípios, valores), e mesmo que haja uma dualidade ensino-educação na escola que o seu foco seja o ensino.

O professor não pode partir do pressuposto que os alunos sejam alienados politicamente e a filosofia tenha um papel libertar desta alienação. Sobre isto explica Gontijo e Valadão (2015) em pesquisa realizada nas escolas públicas de Brasília:

Mesmo entendendo que não há neutralidade ideológica na ação docente, ou seja, ela permeia nosso modo de ver e existir, podemos perceber a adoção de referenciais teóricos utilizados como sendo os únicos e/ou exclusivos em sala de aula. Sendo que não há "a filosofia", mas sim "as filosofias", entendemos que uma perspectiva aberta seria a adequada para uma formação filosófica. A própria explicitação e justificação dos referenciais teóricos do docente, salientando a existência de outros, pode ser uma contribuição interessante.

O texto levanta um importante aspecto, a diversidade de professores. Um maior número de referenciais diminui o peso de influência de cada professor e facilita ao aluno exercer a sua liberdade filosófica. Uma forma ideal de lidar com isto seria a maior diversidade

de professores da mesma matéria, entretanto está mais para o ideal do que para o real nas possibilidades escolares.

Neste contexto o professor deve ser transparente e honesto, não na ilusão de neutralidade, e sim na exposição clara de seu posicionamento e na demonstração ao aluno de como encontrar o posicionamento dos autores em suas falas e textos. Quem não sabe lutar por sua liberdade nunca será livre, então o professor transparente dará armamento filosófico aos alunos para não ter ele mesmo o monopólio da força.

O professor de filosofia não tem o poder de exorcizar a dúvida, a indeterminação, ou estaria ultrapassando os limites da filosofia, fazendo dela não uma religião, pois a isto pode o doutrinamento de forma clara e transparente. A filosofia se degeneraria em uma seita, pois o doutrinamento oculto, uma subversão, trai a sua essência.

Da mesma forma que um antivírus exibe a mensagem na tela do computador: “As atualizações de vírus foram realizadas com sucesso”, assim um professor doutrinador poderia dizer ao final de cada aula: “As atualizações de paradigmas foram realizadas com sucesso”. O que tem por trás dos anseios pedagógicos de novos paradigmas? Paradigma significa valores, referenciais, princípios e crenças, então não induzi-los é respeitar a liberdade.

Por exemplo, conceito é um entendimento, uma ideia, uma visão da realidade com estrutura lógica e base em fatos, enquanto pré-conceito é o que vem antes do conceito, uma repetição de ideias sem já ter pensado por si mesmo. A crença do aluno pode ser um conceito ou pré-conceito se ele já organizou isto em si ou não, sendo função do professor lhe oferecer os métodos para se organizar, e não julgar os valores dos alunos como sendo pré-conceito se estes não concordarem com a mentalidade dominante e/ou do professor.

Uma imagem cômica desse raciocínio seria o professor impor as mãos sobre o aluno e dizer: “Sai preconceito! Abandona este aluno que não te pertence!” Existe uma forma certa e uma erra de se fazer isso. A forma errada é nítida nesta alegoria de um professor com “esquizofrenia intelectual”, mas qual seria a forma certa?

Clareza de linguagem e transparência ideológica permitirá ao professor exorcizar as sombras da caverna, especificamente no melhor que for possível dentro de seus limites. Este exorcismo realmente é sua função, o outro não! O conflito entre determinismo e indeterminismo pode estar longe de mais para uma solução clara, então o professor deve apenas discutir filosoficamente a questão, ou seja, ser exatamente um filósofo.

CONCLUSÃO

O demônio de Einstein no ensino de filosofia percorre a questão científica, do conhecimento, religiosa, política, social e a pedagógica. Não pode o professor querer exorcizar tal demônio nas aulas de filosofia ou estaria doutrinando os alunos e assim traindo a essência da filosofia. Deve, o professor, exorcizar toda falta de transparência.

O velho conflito de Parmênides e Heráclito encontra ecos em assuntos distintos, mas conectados, tais como determinismo/indeterminismo, objetivismo/subjetivismo e outros discutidos neste trabalho. E todas elas se envolvem com o demônio de Einstein, mostrando se tratar de algo muito mais antigo e profundo.

A ciência deve continuar o seu caminho investigativo e verificar ou não a crença de Einstein e de Hawking no determinismo para ver se a sonhada “teoria do tudo” será ou não o Cálice Sagrada. O progresso da experiência é fundamental para a construção de modelos sobre a realidade, com ou sem a perspectiva de um modelo final. Aliás, a ciência moderna é apenas um bebê de quatro séculos de idade.

O relativismo científico de Einstein é profundamente diferente do relativismo cultural, já que o trabalho tem seu alicerce na invariância da velocidade da luz e do observador. Uma oposição à quântica, baseada no princípio da incerteza e que é incompatível à relatividade geral. O progresso das teorias esteve entrelaçado com a filosofia e também é de se esperar que novas descobertas científicas ascendam e norteiem as discussões filosóficas.

Alguns demônios já haviam percorrido a incerteza antes de se envolverem com Einstein que compartilhou a crença no objetivismo científico e na firme oposição ao doutrinamento escolar. Entretanto, sua visão educativa que prioriza a personalidade mostra a preferência pelas verdades individuais à verdade universal, e neste sentido Einstein abraça o seu demônio. Ele deixa o determinismo e o objetivismo na ciência apenas.

O demônio de Einstein é o conflito de crenças na ciência e na filosofia, onde Einstein se posiciona de um “lado” e em outro aspecto fica mais próximo ao outro “lado”. Não que existam “lados” definidos e nítidos, mas trata-se de uma forma de ver e refletir essa questão a ser somada com outros pontos de vista com a intensão de gerar uma panorâmica. Isto porque a crença ultrapassa o limite da filosofia e estes são outros horizontes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alvaro Marcel. *O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade*. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/74/214>> e acessado em 05/05/2015.

ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

BACHEGA, Riis Rhavia Assis. *Einstein falou que tudo é relativo?* Disponível em: <<http://universoracionalista.org/einstein-falou-que-tudo-e-relativo/>> e acessado em 07/04/2015.

BENTO XVI, Papa. *São João Maria Vianney, Cura d'Ars*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090805.html> e acessado em 07/04/2015.

BETTENCOURT, Dom Estevão. *O que é o relativismo?* Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/o-que-e-o-relativismo/>> e acessado em 21/04/2015.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> e acessado em 30/05/2015.

CARNEIRO, Pablo Fabiano Barbosa. *Mito da caverna: Uma reflexão atual*. Disponível em: <<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/23/mito-da-caverna-uma-reflexao-atual-178922-1.asp>> e acessado em 20/04/2015.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural*. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/livros/novaera.htm>> e acessado em 07/04/2015a.

_____. *Apostilas do Seminário de Filosofia: O Anti-Gramsci 1*. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/gramsci1.htm>> e acessado em 07/04/2015b.

CASTAÑÓN, Gustavo Arja. *Psicologia Humanista: a história de um dilema epistemológico*. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.htm>> e acessado em 27/01/2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DECARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

DUFAUR, Luís. *Livro Negro do Comunismo revela o maior crime da História*. Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/CFC8E07F-C954-62E1-8A41482C1497A325/mes/Fevereiro2000>> e acessado em 05/05/2015.

FERLIN, Danielly. *Os crimes passionais à luz da legislação brasileira*. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/29111/os-crimes-passionais-a-luz-da-legislacao-brasileira>> e acessado em 30/05/2015.

FONTOVA, Humberto. *O verdadeiro Che Guevara*. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=260>> e acessado em 30/05/2015.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos da Criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONTIJO, Pedro. VALADÃO, Erasmo Baltazar. *Ensino de filosofia no ensino médio nas escolas públicas no Distrito Federal: história, práticas e sentidos em construção*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000300003> e acessado em 23/04/2015.

HAWKING, Stephen. MLODINOW, Leonard. *Uma nova história do tempo*. Rio de Janeiro: Editora PocketOuro, 2008.

LIVRES PENSADORES. *Discurso inédito de Einstein para os Cristãos*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TsJxdQv2IqU>> e acessado em 22/03/2015.

MEDEIROS, Cleide Farias. MEDEIROS Alexandre. *Einstein e a sua Concepção de Educação*. Disponível em: <<http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol6/Num2/a10.pdf>> e acessado em 22/03/2015.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PEREIRA, Samuel. *Heráclito e Parmênides*. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/filosofia/heraclito-e-parmenides>> e acessado em 07/04/2015.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

RITUAL DE EXORCISMOS E OUTRAS SÚPLICAS. 2ª edição. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

ROCKWELL, Lew. *O que realmente é o fascismo?* Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1343>> e acessado em 07/04/2015.

STERN, Sol. *A pedagogia do opressor*. Disponível em: <<http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/pedagogia-opressor/>> e acessado em 21/03/2015.

STRECKER, Heidi. *René Descartes: Descartes e o gênio maligno*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-2-descartes-e-o-genio-maligno.htm>> e acessado em 12/03/2015.

SALATIEL, José Renato. *Filosofia analítica: Wittgenstein eo argumento da linguagem privada*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-analitica-wittgenstein-e-o-argumento-da-linguagem-privada.htm>> e acessado em 22/04/2015.

SALDANHA, Patrick. *Henri Bergson, o homem que convidou Einstein para um debate sobre o Tempo e o Espaço: O tempo existe? O espaço é criado por nós? O que isso diz sobre nós todos, seres humanos?* Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/henri-bergson-o-homem-que-convidou-einstein-para-um-debate-sobre-o-tempo-e-o-espaco/>> e acessado em 06/07/2015.